

## **TRAMAS E DRAMAS DA MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: gênero, poder e cultura (Uberlândia 2000-2010)<sup>1</sup>**

Carla Denari Giuliani\*  
Vera Lúcia Puga\*\*

### **Resumo**

O objeto deste trabalho foi observar a maternidade nas adolescentes no século XXI, depois da revolução da pílula e do feminismo – leva-nos a pensar que sentido tem essa maternidade quando se opõem às políticas públicas e ao modelo estabelecido pela sociedade contemporânea, que traduz a gravidez na adolescência como um problema e ou erro. Este estudo foi desenvolvido a partir de fontes escritas e orais obtidas em entrevistas com as gestantes adolescentes, seus companheiros e suas famílias, na cidade de Uberlândia - MG. Observamos que, apesar do pensamento “hegemônico” de erro ou problema traduzido pela mídia, pelos programas de saúde, pelo próprio ensinamento médico e pelo mundo contemporâneo, as pessoas resistem e reescrevem novos juízos de valores.

**Palavras-chave: Maternidade. Adolescentes. Sociedade Contemporânea.**

### **Abstract**

The object of this work was to observe motherhood among adolescents in the twenty-first century, after the revolution, the pill and the birth of feminism – leads us to think that it has meaning. What meaning has this motherhood when opposed to public policy and to the model of contemporary society, which translates to teenage pregnancy as a problem and or error. This study was developed from written and oral sources from interviews with pregnant teenagers, their partners and their families in the city of Uberlândia – MG. We note that, despite the thought “hegemonic” error or problem translated by the media, health programs, by the teaching physician and the contemporary world, people resist and rewrite new value judgments.

**Keywords: Motherhood. Adolescents. Contemporary Society.**

A vida adulta alterou-se muito nas sociedades ocidentais modernas. Redimensionamento da autoridade parental, novas normas educativas, transformações

---

<sup>1</sup> Este estudo faz parte de uma pesquisa maior que está inserido na minha tese de doutorado que se intitula “tramas e dramas da maternidade na adolescência: gênero, poder e cultura. (Uberlândia 2000-2010)” defendida em maio 2012.

\* Professora doutora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia-MG, endereço: Av. Pará nº 1720, bairro Umuarama, Campus Umuarama bloco 2U e-mail: denarijuliani@bol.com.br, tel. (34) 3218-2132.

\*\* Professora doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia-MG.

nas relações de gênero e entre gerações compõem novo cenário social e familiar. O tema deste estudo – o ato de engravidar das adolescentes no século XXI, depois da revolução da pílula e do nascimento do feminismo – leva a pensar primeiramente em que sentido tem essa maternidade nos dias atuais. Que sentido tem quando se opõe às políticas públicas e ao modelo estabelecido pela sociedade contemporânea, que compreendem a gravidez na adolescência como um problema e/ou erro. Assim, no cruzamento entre política pública, família e gravidez na adolescência, lembro-me das leituras de Foucault<sup>2</sup> quando me remeto ao poder exercido por essas políticas ao impor um modo vida.

O presente artigo visa a compreender, a partir das fontes obtidas, os procedimentos simbólicos e as relações de poder que interferem na questão da gravidez na adolescência na sociedade hodierna, especificamente na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Prioriza as questões de gênero, sexualidade e suas subjetividades a partir da gestante adolescente, usuária do Sistema Único de Saúde, cadastrada nos Programas de Saúde da Família da cidade Uberlândia, MG, e de seus cuidadores e companheiros. Como metodologia, foi utilizada a história oral, presumido que essa seria uma maneira de dar voz àqueles atores sociais que não têm acesso às formas divulgação escritas.

Assim, ao pensar maternidade na adolescência, observa-se a grande influência que políticas públicas e o movimento higienista, juntamente com o saber médico institucionalizado, têm na construção social dos papéis das mulheres na sociedade moderna. A maternidade é uma dessas construções sociais que orientam as práticas e os afetos dos atores sociais. A partir de noções socialmente construídas do que é ser mãe, são orientadas as relações sociais entre mãe e filho, assim como a própria identidade de ser mulher. O que hoje se considera como um bom referencial de mãe é bastante discordante do que se concebia, por exemplo, na Europa dos séculos XVII e XVIII. Alguns comportamentos maternos considerados naquela época normais, corretos e esperados seriam algo anormal, incorreto e incompreensível no contexto de várias sociedades contemporâneas<sup>3</sup>. Por isso, a prática materna valorizada deve ser compreendida dentro de um contexto sociocultural, e não sob a ótica de uma suposta determinação biológica para o desejo e o desempenho da maternidade.

---

<sup>2</sup> MICHEL Foucault. *Microfísica do poder*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

<sup>3</sup> AZEVEDO, K. R.; ARRAIS A. R. O mito da mãe exclusiva e o impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

Como entender o ser materno nos diversos momentos da História? As contribuições de autores como Badinter<sup>4</sup> e Ariès<sup>5</sup> permitem a reconstrução da trajetória histórica da significação dos cuidados maternos. Badinter parte das produções simbólicas construídas desde o século XIX pelas sociedades europeias, mais precisamente a francesa, no seu processo de urbanização, demonstrando como questões de ordem social interferem na construção do que se compreende por amor materno. O conceito de maternidade está intrinsecamente relacionado com várias representações sociais, dentre elas as de família, mulher e criança. Na Europa, até o século XVII, a infância era considerada um estado a ser superado através de uma educação severa, rígida e intolerante. Cabia aos pais domar os impulsos infantis, assumindo uma posição coercitiva e sem mimos. Por sua vez, a amamentação era vista como um prazer ilícito que corrompia moralmente o infante<sup>6,7</sup>. Segundo Ariès, na França, até o século XVII, mais acentuadamente no século XV, a criança deveria ser educada na casa de outrem como um aprendiz, cabendo-lhe as atividades domésticas, ocasião em que aprendia a servir bem aos demais. No final do século XVII começou a surgir para os rapazes mais abastados a opção das academias, onde recebiam estudo teórico, erudito, mas, para as meninas, essa opção só se tornou realidade um século depois.<sup>8</sup> Nesse período é que começaram os cuidados com a educação formal das crianças e a preocupação com seus afetos. Os filhos mais novos passaram a ter, dos pais, maior atenção, até então destinada apenas ao primogênito<sup>9</sup>. Badinter apresenta como um motivo para essa aproximação da criança com o seio familiar a alta taxa de mortalidade infantil no final do século XVIII. Como o maior índice de mortalidade se concentrava na época da amamentação, na qual a criança era entregue aos cuidados de uma ama, começou nesse século um grande movimento social, encabeçado pelas instituições de saúde e pelo Estado, que visava à construção de um novo papel social para a mãe. A mulher passou a estabelecer com a criança uma relação íntima e de carinho, o que socialmente lhe conferiu o atributo representado por um “*status maternal*”.

Os cuidados maternos passaram a interferir na própria identidade feminina, fazendo as mulheres se reconhecerem e se legitimarem na função materna.<sup>10</sup> É na

---

<sup>4</sup> BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>5</sup> ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> BADINTER, 1985.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> ARIÈS, 1981.

<sup>10</sup> BADINTER, 1985.

identificação com esse lugar social que os afetos das mães dão origem à ideia de amor materno, que vai se consolidar na França no final do século XIX e no século XX. Essa ideia encontra “naturalização” no conceito de “instinto materno”, a partir do qual são construídas argumentações biológicas e científicas, próprias da modernidade, para justificar e modular os comportamentos de mães e filhos nesse novo século<sup>11</sup>.

No Brasil, autoras como Novelino<sup>12</sup>, Santos<sup>13</sup> e Trindade e Enumo<sup>14</sup> relatam que, principalmente no Nordeste do século XX, a identidade feminina foi fortemente estruturada a partir da representação social da maternidade, na medida em que se atribuía à mulher a reprodução como principal função. As demais características femininas acabariam em segundo plano no seu reconhecimento social. Dessa forma, a maternidade não é apenas uma opção das mulheres, mas a condição *sine qua non* para que se constituam plenamente como seres humanos.

Ancorada na noção de naturalidade e de atributos biológicos, a representação social da maternidade assume um caráter determinista. O fato de algumas mulheres não desejarem ser mães nem desempenharem o papel maternal é visto e justificado como problema, como, por exemplo, mecanismo de defesa (uma falsa vontade de não ser mãe), fruto de um impedimento orgânico para gerar filhos, consequência de algum trauma na infância que lhe impossibilite ter tal desejo, ou ainda uma deficiência de caráter<sup>15</sup>.

Vale destacar, contudo, que a apropriação desse lugar simbólico socialmente construído se dá ao longo das várias relações que os sujeitos estabelecem, nos diversos grupos sociais dos quais fazem parte. Nesse viés, ao me debruçar sobre as falas das adolescentes grávidas em pleno século XXI, percebo que a representação social do papel da maternidade dentro do feminino persiste ao longo das gerações e o pensamento do início do século XX ainda se mantém. Para quase todas as adolescentes de 14 a 20 anos usuárias do Sistema Único de Saúde de Uberlândia, o ser mãe é situação *sine qua non* para que elas se entendam como mulher. A maternidade representa a passagem

---

<sup>11</sup> BADINTER, 1985.

<sup>12</sup> NOVELINO, A. M. *A cartilha da mãe perfeita: um discurso normatizador da psicologia de mídia*. 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

<sup>13</sup> SANTOS, M. F. S. (1995). *Representação social da maternidade: o novo sob uma nova roupagem?* UFPE. Não publicado.

<sup>14</sup> TRINDADE, Z. A.; ENUMO, S. R. F. Representações sociais de infertilidade feminina entre mulheres casadas e solteiras. *Psicologia, Saúde e Doenças*, Lisboa, v. 2, n. 2, p. 5-26, 2001.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

para o mundo adulto, a aquisição de responsabilidade e, muitas vezes, uma vida melhor, com mais perspectivas quando comparada à das outras da mesma idade que não têm filhos e não são casadas ou não vivem maritalmente.

Pelos depoimentos das entrevistadas, constata-se que todas (100%) consideram ser a gravidez um marco na passagem para a vida adulta. Gérbera<sup>16</sup>, por exemplo, fala do desejo de ser mãe e da mudança de vida, segundo ela para melhor, contestando o saber institucionalizado do que é adolecer.

Assim se posiciona:

[...] Minha mãe teve o primeiro filho com 15 anos. Ser mãe é bom, o primeiro foi difícil, pois ele ficou internado. Eu fui morar com ele (companheiro) com 13 anos. Na casa quem cuida sou eu, ele trabalha. (Gérbera).

Na época da entrevista, ela estava com 3 meses de gestação do segundo filho. Como podemos verificar no seu depoimento, realmente, para essas meninas, casar-se cedo já faz parte de uma rotina social que vem desde a mãe. Elas se tornam mulher à medida que se casam e têm filhos. A instituição família, apesar de muitas delas não a terem, nem virem de família nuclear (pai, mãe e criança), ainda faz parte do seu imaginário social, bem como os papéis do homem, provedor, e da mulher, cuidadora do lar e dos filhos. Nesse momento, ao refletir sobre os ideais de uma adolescência moderna, com todas as prevenções e preocupações sociais e institucionais, como pensar, como interrogar a questão maternidade na adolescência? Para responder a isso, devemos compreender o caminho feito pelo próprio feminismo em relação à recusa e à aceitação da maternidade.

Scavone<sup>17</sup> relata que, para compreender as continuidades e discontinuidades da aceitação e negação da maternidade dentro do feminino e, conseqüentemente, na própria sociedade, é preciso entender três momentos importantes em relação à politização da maternidade pelo feminismo. O primeiro momento, pós-guerra, foi o reconhecimento da maternidade como defeito natural que confinava as mulheres a uma bioclasse. Logo, a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais ampla, mais completa e também pudessem reconhecer todas as possibilidades e potencialidades. Num segundo

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida pela paciente Gérbera (nome fictício), da Unidade de PSF do Dom Almir, no dia 5/9/2010 em sua residência em Uberlândia - Minas Gerais.

<sup>17</sup> SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com ciências sociais, *Caderno Pagu*, Campinas, SP, n. 16, p. 137-150, 2001.

momento, passado o impacto da recusa da maternidade, começaram alguns questionamentos dentro do próprio feminismo sobre maternidade: nós mulheres queríamos ser definidas sem a maternidade? Aceitávamos ser mutiladas de uma parte de nossa história, de nossa identidade? A maternidade, nesse momento, passou a ser considerada como poder insubstituível, que só as mulheres possuem e os homens invejam. Essas reflexões dialogam com questões lacanianas<sup>18</sup> que valorizam o lugar das mulheres na gestação, lembrando que o cordão umbilical, unindo o feto à mãe, é fonte de vida e poder. Do ponto de vista foucaultiano, todo saber tem sua gênese numa relação de poder. Isso significa que, ao recuperar o saber feminino associado à maternidade, essa segunda etapa dá visibilidade ao poder que as mulheres (adolescentes ou não) exercem na sociedade mediante o fenômeno biopsicossocial que é a maternidade. O terceiro momento seria a “desconstrução do defeito natural”. Nele se recupera que não é o fato biológico da reprodução que determina a posição social da mulher, mas a relação de dominação que atribui um significado social à maternidade. Em suma, esses três momentos revelam a maternidade em suas contradições, mudanças e permanências, seja ela em que idade for. A recusa ou aceitação da maternidade pode acontecer ao mesmo tempo em espaços e posições sociais diferenciados. Desse modo, percebe-se, na fala dessas adolescentes, uma recuperação do poder associada ao fenômeno biopsicossocial que é a maternidade. Nesse viés, a maternidade se apresenta como parte da identidade e poder femininos, recuperando as manifestações culturais desse saber feminino que lhe é associado. Portanto, as pessoas resistem e reescrevem novos juízos de valores. As falas dessas adolescentes reproduzidas a seguir demonstram o poder que a maternagem tem na vida delas, mesmo em condições consideradas não favoráveis pela sociedade moderna.

Violeta 2<sup>19</sup> revela como vê a gravidez na adolescência nos dias hoje:

[...] Eu vejo gravidez na adolescência como uma conquista, porque tem mulheres que são loucas pra ter filho e não conseguem. Então, por esse lado, eu vejo como uma conquista. Mas por outro é muita responsabilidade. Nossa, quando a gente pensa assim: estou grávida, penso em como é que eu vou fazer pra criar meu filho, como é que eu vou fazer pra dar o leite dele todo dia, é muita responsabilidade, é

---

<sup>18</sup> A questão laciana destaca-se no campo da psicanálise, e se contenta em qualificar a prática de Lacan como “problemática”. Esse adjetivo data de 1995 – e é certamente o mais utilizado para qualificar a prática de Lacan.

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Violeta 2 (nome fictício), no Lar de Veneranda, uma instituição filantrópica localizada na cidade de Uberlândia. Tal instituição desenvolve várias atividades, dentre elas cursos ocupacionais para gestantes, palestras, além de ser campo de estágio para alunos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia.

muita coisa que a gente tem que pensar ao mesmo tempo, então é nisso aí que a gente tem que controlar, porque se não acaba ficando doido, né? Mas por um lado é bom ter filho, porque a gente cria responsabilidade, deixa de ser aquela molequinha que só quer saber de festa e é isso. (Violeta)

JB<sup>20</sup> relata como é, para ela, ser mãe na adolescência:

[...] Meu nome é J B, e eu estou usando o orkut de um primo meu, porque não participo desse site de relacionamentos, mas desde que me encontrei grávida, meu mundo gira em torno desse assunto, então vim procurar informações aqui, como procuro em todos os lugares. Eu acho que é muito fácil dizer "não" à gravidez na adolescência, quando não é você quem está grávida. Eu tenho 17 anos e estou no 4º mês de gestação. Meu filho é a razão do meu viver, e eu me sinto completamente madura e preparada. Acho que maturidade não está diretamente ligada com a quantidade de anos vividos, mas sim a intensidade com que esses anos foram vividos. O pai do bebê é o amor da minha vida, meus pais e meus amigos nos apoiam e estão tão felizes e radiantes quanto nós dois por nosso filho. Quanto ao futuro, meu filho nunca foi visto como um obstáculo. Esse ano vou entrar na faculdade, como faria se não estivesse grávida, porque estou grávida, e não doente. Não estou impossibilitada de fazer nada do que fazia antes, porque nunca fui uma garota baladeira e, mesmo se fosse, deixaria de ser com prazer pelo meu filho. Porque não há maior prazer no mundo do que sentir o fruto de um amor sincero se mexendo dentro de você e sentir aquele cheirinho de bebê já agarrado em todas as suas coisas. Eu também sinto muito pelas adolescentes que não têm a sorte que eu tive, ou que não encaram um filho como uma bênção, mas como um carma. Mas todas que fizeram, fizeram sabendo o que estavam fazendo e por isso devem assumir sim! Não importa a circunstância. Não sou a favor do aborto nem em caso de estupro. Nesse caso, acho que a entrega à adoção seria a melhor solução caso a mãe rejeitasse, porque abortar é matar e só Deus tem o direito de tirar a vida de alguém, porque foi ele quem nos deu a vida. Como já disse, não tenho orkut, mas caso alguém queira discordar de minhas palavras, ou apoiá-las. (JB)

Os depoimentos de Violeta e JB revelam que a gravidez é uma conquista para essas meninas, e que a maturidade não é algo que se conquista com o tempo, mas com a intensidade dos anos vividos, ou seja, ser uma boa mãe não depende da idade, mas da experiência de vida. Ser mãe é algo divino, e ter alguém mexendo dentro de você, fruto de amor sincero, é algo superior.

G<sup>21</sup> Também expressa sua posição em relação à gravidez na adolescência:

[...] Fiquei grávida porque quis, jah tinha perdido um com o mesmo namorado, claro, e não fiquei nada feliz pq sempre foi uma gravidez super desejada. SEMPRE QUIS SER MÃE CEDO! Eu tomava remédio, fiquei sem por um mês e engravidei, foi minha maior felicidade, apesar de não ser com a idade que todos falam que tem que ser. Bom, medo de pegar doença eu não tive, que foi tbm um erro meu, mais namorava jah há um ano e pouco quando

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida por JB (nome fictício), concedida em 29/01/2007, no site de relacionamento *Orkut*, dentro de um fórum chamado O que você acha dessas meninas que engravidam cedo?

<sup>21</sup> Entrevista concedida por G em 10/02/2008 no site de relacionamento *Orkut* dentro de um fórum "Por que não usaram camisinha".

engravidar, então jah tinha uma certa confiança e tal, mas graças a Deus estou aqui pra ganhar minha maior felicidade que é minha filha...Não me arrependo em nenhum momento de ter ficado grávida, apesar de ter só 18 anos, mas acho que jah sou capaz de ser mãe! Bom, é isso. Beijos.(G)

Após a análise dessas falas, percebe-se que, apesar de a gravidez estar fora das normatizações do que é um “adolescer saudável”, o imaginário social dessas adolescentes está imerso no poder que a maternidade tem em suas vidas. Não podemos desprezar as mensagens que são passadas pela nossa cultura. Apesar de todas as mudanças ocorridas nos últimos anos, ainda faz parte da socialização dessas “meninas” a ideia de que seu grande valor está na maternidade. Mesmo hoje, quando o papel de mãe se vê ameaçado, há algo mais forte em algumas delas do que o amplamente valorizado pela sociedade, que é o desejo de ser mãe. Dessa forma, essas ações são legitimadas no modo de vida e nas experiências que perpassam a vida de cada adolescente. As pessoas rearranjam certos elementos dentro de um quadro geral de ordem e dominação. Trata-se de uma quebra dessa lógica dominante, não só do saber médico, mas também do saber institucionalizado, nos hospitais, escolas e sociedade.

Desse modo, as vozes das adolescentes que desejam, mesmo que às vezes inconscientemente, a gravidez na adolescência, não podem ser abafadas, e sim entendidas, para que possamos evoluir na compreensão do sentido que isso tem no século XXI. O que existe é um grande problema para a sociedade, porém não para as adolescentes, conforme suas falas.

Ao refletir sobre o sentido de engravidar em pleno século XXI, nota-se o contrapoder exercido pelas adolescentes quando se opõem às políticas públicas e ao próprio conceito de “verdade” estabelecido pela sociedade contemporânea, que vê a gravidez na adolescência como um problema e um erro. A sociedade contemporânea juntamente com as políticas públicas impõem o “certo” ou “verdadeiro” como algo “hegemônico” e imutável, mas se esquecem de que o poder é circular. Por isso, as políticas públicas que visam a prevenir a gravidez na adolescência não conseguem abarcar o pluralismo dos grupos mais carentes, que é a população mais afetada pelo que consideram um problema. A gravidez na adolescência pode constituir uma forma de “poder”<sup>22</sup> contra os ideários estabelecidos, tanto pela sociedade do século XXI, quanto

---

<sup>22</sup> FOUCAULT, 1979. Neste trabalho entende-se, como Foucault, que o poder não existe, o que existe são as relações de poder. No entender de Foucault, o poder é uma realidade dinâmica que ajuda o ser humano a manifestar sua liberdade com responsabilidade. A ideia tradicional de um poder estático, que habita em um lugar determinado, de um poder piramidal, exercido de cima para baixo, em Foucault é transformada. Ele acredita no poder como um instrumento de diálogo entre os indivíduos de uma sociedade. A noção de



pelas políticas públicas. Foucault<sup>23</sup>, em *Microfísica do Poder*, afirma que o poder penetra e é exercido por todas as classes sociais, sendo todos os governantes e os governados ora sujeitos, ora objetos desse poder. Segundo o autor, o poder circula por todos os lugares. O poder não é uma coisa, algo que se toma ou se dá, se ganha ou se perde. É uma relação de forças. Circula em rede e perpassa todos os indivíduos. Nesse sentido, o contrapoder dessas “meninas” está também na oposição ao modelo de “vida a dois” estabelecido pela sociedade contemporânea, que desconsidera a formação de uma família nessa idade.

Retomando Foucault, os micropoderes exercem sua força quando a adolescente decide engravidar e ter uma família. No processo cultural e de aprendizado do ser mulher, a sociedade engloba a aquisição de um filho e de uma família. Portanto, apesar do discurso “hegemônico”, escrito ou falado, disseminado pela mídia, pelos programas de saúde, pelo próprio ensinamento médico e pelo mundo contemporâneo, as pessoas resistem e reescrevem novos juízos de valores ou recriam as tradições culturais.

Dessa forma, as falas dessas meninas passam a ser entendidas como um processo que contempla imprevisibilidades, múltiplas sequências e centros, intertextualidades. A trama do tempo despe-se de sua máscara linear, sequencial, objetiva e anônima. Seus diversos focos organizam-se, centram-se e recentram-se continuamente e cada homem (e mulher) é convidado a construir uma narrativa singular do presente. Morre a história como um fluxo linear, unívoco e progressivo de fatos.

Ampliar a voz dessas meninas que, principalmente na contemporaneidade, têm sua palavra ignorada ou minimizada é entender o sentido de burlarem o sistema previamente instaurado pela sociedade contemporânea. Temos que perceber que escapar da regra de dominância é como reagir, num ato heroico, tendo o poder sobre si próprio.

Como afirma AMÓS OZ<sup>24</sup> (2004, p. 53), precisamos de senso de comum, de imaginação, uma capacidade profunda de imaginar o outro, às vezes de nos colocarmos na pele do outro. Dentro da sociedade contemporânea, em geral se elege o regulamento como algo verdadeiro e principal, quando se fala de saber médico. Assim, perde-se o sentido do coro dos excluídos. Devemos entender que a medicina, o saber

---

poder onisciente, onipotente e onipresente não tem sentido na nova versão, pois tal visão somente serviria para alimentar uma concepção negativa do poder. No caso das adolescentes, um conjunto de recursos, de natureza psicológica, material ou econômica, existentes na sociedade, são usados nessas relações de poder para burlarem e recriarem uma nova ordem.

<sup>23</sup> FOUCAULT, 1979.

<sup>24</sup> AMÓS OZ. *Contra Um Fanatismo*. Tradução de Denise Cabral. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

institucionalizado detêm conhecimento que não deve ser desprezado, mas é preciso entender melhor e apreender o conhecimento do outro, ou seja, delas, as adolescentes.

É preciso ampliar o conhecimento que está implícito dentro de cada um para transmitir com clareza de forma que o outro entenda. Temos que pensar não em expectativas, mas sim em realização que só acontece a partir do outro. A sociedade é pluralista, ela se apropria do conceito e recria, reelabora outros conceitos que, muitas vezes, não correspondem ao pensamento hegemônico da sociedade em que se vive e essa reelaboração acontece a partir das estratégias e táticas que essas meninas utilizam para burlar o saber institucionalizado. Considero que as contradições entre a visão das adolescentes e o saber médico institucionalizado devem ser entendidas dentro de uma perceptiva histórica. Só se evolui quando os dois lados compartilham seus conhecimentos. Assim, as subjetividades e as relações sociais se construirão dentro de uma perspectiva processual, que passa a permear todos os campos do saber. Parece que se delineia um novo paradigma, no qual noções de liberdade e autonomia são essenciais e o que importa não é buscar um conhecimento geral, uma teoria unitária, mas estabelecer vínculos, articulações.

## Referências

ARIÈS, P. *História da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra* [S.l.]: Edição de Bolso, 2009. v. 4.

AZEVEDO, K. R.; ARRAIS A. R. O mito da mãe exclusiva e o impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- COSTA, L. F. et al. A contribuição da terapia ocupacional com gestantes adolescentes na maternidade Cândido Mariano em Campo Grande. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 7., 2001, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Instituto Porto Alegre, 2001. p. 21-27.
- DONNANGELO, Maria Cecília F. *Medicina e sociedade*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1975.
- DONZELOT, Jacques. *A política das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FELICIANO, R. A. F. *Gestação na adolescência: vulnerabilidades e redes de proteção em São Carlos-SP*. 2010. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Riberão Preto, 2010.
- FREYRE, G. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 13. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966.
- FOUCAULT, Michel. *Cuidado de si*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1985b.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1963.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GIULIANI, Carla Denari. *Tramas e dramas da maternidade na adolescência: gênero, poder e cultura (Uberlândia 2000-2010)*. / Tese de doutorado Carla Denari Giuliani. - Uberlândia, 2012. 196 f.

HAROCHE, Claudine. *Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno*. Tradução de Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

KIMURA, A. F. A construção da personagem mãe: construções teóricas sobre identidade e papel materno. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 339-343, 1997.

LOURO, Guaraciara Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teóricas- metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Roberto. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

OZ, Amós. *Contra um fanatismo*. Tradução de Denise Cabral. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PANTOJA, A. L. N. Ser alguém na vida: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência em Belém do Pará, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, p. S335-S343, 2003. Suplement 2.

PAULA, Dirce B. *Gravidez na adolescência: estratégias de inserção no mundo adulto*. 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

PAULA, Dirce B. *O olhar e a escuta psicológica desvendando possibilidades: o vínculo saudável entre a adolescente mãe e seu filho*. 1999. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

PERROT, Michelle. Mil maneiras de caçar. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História*, São Paulo, n. 17, p. 55-61, nov. 1998.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

PORTO, J. R. R.; LUZ, A. M. H. Percepções da adolescente sobre a maternidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 55, n. 4, p. 384-391, jul./ago. 2002.

PUGA, Vera Lúcia. Casar e separar: dilema social histórico. *Esboços*, Florianópolis, n. 17, p. 158-172, 2007.

PUGA, Vera Lúcia. *Entre o bem e o mal (educação e sexualidade no Triângulo Mineiro - anos 60)*. 1990. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

PUGA, Vera Lúcia. *Internatos*. *Caderno Espaço Feminino, Uberlândia*, v. 1, n. 1, p. 76-96, jan./jun. 1994.

PUGA, Vera Lúcia. *Paixão, sedução e violência, 1960-1980*. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS, Alberto O. A. *O discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida: avatares*. 1993. Tese (Doutoramento em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

REIS, Alberto O. A.; ZIONI, F. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 472-477, 1993.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com ciências sociais, *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 16, p. 137-150, 2001.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 64-65.